



ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 18/12/2024

Aceito em:21/04/2025

Publicado em: 10/06/2025

---

**Memórias e utopias em movimento: percursos formativos e o constituir-se professor<sup>1</sup>**

**Memories and utopias in movement: formative journeys and becoming a teacher**

**Memorias y utopías en movimiento: los trayectos formativos y el devenir docente**

*Julio Bispo dos Santos Junior<sup>2</sup>*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18871>

**Resumo:** Nesta escritura objetivo narrar e narrar-me, por meio de memórias de vida e formação que compõe saberes na/da experiência para um constituir-se professor, possível. Para essa compreensão, assumo que utopias são necessárias à experiência de ser, no movimento de tornar-se, próprio da ideia de professoralidade como acontecimento, posto que o constituir-se professor(a) é contingente. Assim, movimento os saberes da experiência tal qual proposto por Larrosa (2016; 2017), para o diálogo com os estudos sobre histórias de vida (Souza, 2007; 2011), memória e formação de professores (Sá, 2010; 2011) e narrativas de vida-formação (Josso, 2004) entre outros(as); para encontrar na ideia de professoralidade (Pereira, 2016) e de utopias e formação de professores (Santos Junior, 2022) um trânsito teórico capaz de compor conceitos, sentidos e ideias sobre formação e o constituir-se professor. Por essas opções teórico-estéticas, no campo da pesquisa qualitativa do tipo narrativa (auto)biográfica, compreendo-me no percurso das inquietações que interrogam sobre o ser professor(a), aberto aos acontecimentos e discursos descritos nos memoriais e narrativas produzidas por estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, no Campus Arapiraca. Ao descrever-me, reverberam interpretações sobre ser, de um “si mesmo” em relação ao outro, numa composição de vozes que se manifestam na descrição desta professoralidade em formação.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Memórias. Professoralidade.

**Abstract:** My goal with this essay is to narrate it and myself, by using my life's memories and training that make up the knowledge in/from experience for one to become a teacher, possible. For this understanding, I assume that utopias are necessary for the experience of being, the movement of becoming, characteristic of the idea of teaching as an event, given that becoming a teacher is a product of such. Thus, I assume the knowledge of experience as proposed by Larrosa (2016; 2017), in dialogue with studies on life histories

---

<sup>1</sup> Este artigo deriva da tese de doutorado intitulada “Utopias, pós-utopia e o constituir-se professor” (Santos Junior, 2022), defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Alagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4932034771118334>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5439-3378> . Contato: [julio.junior@delmiro.ufal.br](mailto:julio.junior@delmiro.ufal.br)



(Souza, 2007; 2011), memory and teacher training (Sá, 2010; 2011) and life-training narratives (Josso, 2004); to find in the idea of professorality (Pereira, 2016) and utopias and teacher training (Santos Junior, 2022) a theoretical transit capable of composing concepts, meanings, and ideas about training when becoming a teacher. For these theoretic-aesthetic options, in the field of qualitative research pertaining auto-biographic works, I understand myself as being on the path of the concerns that question being a teacher, open to the events and speeches described in the memorials and narratives produced by students of the Federal University of Pedagogy of Alagoas, in the Arapiraca Campus. As I describe myself, interpretations of *being*, of "oneself" in relation to others, a composition of voices that manifest in the description of this teaching formation in the making.

**Keywords:** Teacher's formation. Memories. Teaching

**Resumen:** Mi objetivo con este ensayo es narrar mi experiencia y a mí mismo, utilizando los recuerdos de mi vida y la formación que conforman el conocimiento en/de la experiencia para que sea posible convertirse en maestro. Para este entendimiento, asumo que las utopías son necesarias para la experiencia del ser, el movimiento de convertirse, característico de la idea de la enseñanza como un evento, dado que llegar a ser maestro es un producto de ello. Así, asumo el conocimiento de la experiencia propuesto por Larrosa (2016; 2017), en diálogo con los estudios sobre historias de vida (Souza, 2007; 2011), memoria y formación docente (Sá, 2010; 2011) y narrativas de formación para la vida (Josso, 2004); encontrar en la idea de profesoralidad (Pereira, 2016) y utopías y formación docente (Santos Junior, 2022) un tránsito teórico capaz de componer conceptos, significados e ideas sobre la formación a la hora de convertirse en docente. Para estas opciones teóricoestéticas, en el campo de la investigación cualitativa relacionada con trabajos autobiográficos, me entiendo a mí mismo en el camino de las preocupaciones que cuestionan el ser maestro, abierto a los eventos y discursos descritos en los memoriales y narrativas producidas por los estudiantes de la Universidad Federal de Pedagogía de Alagoas, en el campus de Arapiraca. Al describirme, surgen interpretaciones del ser, del "uno mismo" en relación con los demás, una composición de voces que se manifiestan en la descripción de esta formación docente en proceso.

**Palabras clave:** Formación del maestro. Recuerdos. Enseñanza

## 1 CONSTITUIR-SE

Meu mundo

Meu mundo se resume  
a palavras que me perfuram,  
a canções que me comovem,  
a paixões que já nem lembro,  
a perguntas sem respostas,  
a respostas que não me servem,  
à constante perseguição do que ainda não sei.

Martha Medeiros

Este artigo apresenta um percurso formativo no/sobre o mundo que por vezes desaba, desmancha e se refaz entre necessidades, desejos, sonhos, ideais e ações que constituem minha experiência de ser em diálogo com outras experiência e modos de ser. Um movimento em torno de memórias e utopias que se manifestam ao ser professor, ao constituir-se na profissão junto a estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, no Campus Arapiraca.



Assume-se a narrativa como prática de formação para compreender histórias e memórias de professores (Josso, 2004) e como ressignificam minha condição de ser em meio a utopias que movimentam o formar e formar-se. Nesta composição, utopias, assumidamente plural e polissêmica, compõem ficções de futuridade, mundos imaginários que alimentam sonhos, esperanças, contra um mundo que, quando insatisfatório, avilta nossa condição humana; é força motriz que explora e, por vezes, extrapola o espaço-tempo do realizável-irrealizável para aterrizar na realidade e produzir movimentos (Santos Junior, 2022) que ressignifica um constituir-se, possível, na profissão.

Neste contexto teórico-estético da escrita de si, tenho por objetivo narrar e narrar-me, por meio de memórias de vida e formação que compõe saberes na/da experiência para um constituir-se professor, possível. É o relato de um constituir a si mesmo em relação ao outro da formação, descrito numa voz composta por outras histórias de vida - o pesquisador, os estudantes de Pedagogia, e discursos - as opções teórico-metodológicas junto à preocupação com as muitas traduções que se manifestarão no encontro do leitor com esta escritura. Portanto,

a pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens. A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. (Souza, 2007, p.69).

Neste pensar, há alguns gostos. O gosto de rever meu mundo de outrora, de ir ao seu encontro e de encontrar-me; o gosto e o desgosto da realidade que trinca e trama contra qualquer expectativa ideal de futuro frente ao avassalador instante de acontecimentos, mas insisto no gosto por contramundos imaginários e ideais. Gosto das lembranças e sobre como me deslocam deste lugar para um outro imaginário. Ao lembrar, fico conspirando sobre escolhas, ressignificando histórias, expectativas e experiências (Koselleck, 2006), reinventando o tornar-se na vida e na profissão.

Para delinear esse constituir-se, busco aparato na releitura proposta por Michel Fabre (2011), a saber: “Fazer da sua vida uma obra”, não concebendo a vida e, nesta apropriação, a formação, como mera produção sobre a história de uma vida-formação. Descrever e descrever-se, compreender e compreender-se como produção de si, implica este constituir-se envolto por dilemas ao deslocar certezas para as incertezas sobre os muitos modos de ser. Fazer da vida uma obra comporta desnudar experiências, entrelaçá-las a outras, refletir sobre acontecimentos e a condição de existir, transitando da filosofia



da consciência e toda certeza sobre a existência para uma filosofia reflexiva (Fabre, 2011), que interroga o que se é, enquanto é.

Por essa compreensão, nos muitos anos de atuação docente, tenho uma insistente pergunta que inquieta o meu pensar sobre ser e permanecer na profissão: ser professor(a), por quê?

Ao interrogar-me sobre constituir-se professor e ainda como me tornei o que estou sendo, da suspeita própria do “tornar-se o que se é” (Nietzsche, 2008), apartado da ideia de causalidade, busco um movimento de autodescoberta nas diferenças e tramas que compõe uma condição ao ser-sendo professor (Pereira, 2016).

Ao revisitar e provocar memórias entre histórias, fabulações e invenções, assumo o passado como campo de experiências e de sentidos, atribuídos a uma compreensão possível sobre o que fui, o que sou e o que estou sendo (Larrosa, 2017). Interessam-me as dificuldades, enfrentamentos, vitórias, desabamentos, derrotas, percursos, sentidos; histórias de vida e formação que se manifestam em muitos contextos nessa condição de existir (Josso, 2004). Assim, a memória surge como “forma de ‘bricolar’ acontecimentos, práticas, saberes que compõem experiências formativas” (Sá, 2011, p.189), também um exercício de aproximação às narrativas de vida, à representação de experiências como saber que nos tece, acontece, toca, forma (Larrosa, 2016), ou não, sendo processo de constituição no mundo, na relação com o outro e seus saberes.

## 1.1 Estude menino, para ser alguém!

“Estude menino, para ser alguém!” é uma daquelas expressões que, de tão repetidas por diferentes vozes e gerações, se assemelha a um mantra da prosperidade que muitas famílias recitam aos seus descendentes. Talvez fosse essa ideia de prosperidade que motivava minha mãe a exigir que estudasse muito “para ser alguém”, seguido do relato, sempre tenso, sobre as dificuldades de sua época: a seca de 1932, a fome, os 06 irmãos e a difícil partilha do alimento, a falta de água e todas as mazelas de uma vida no sertão da Bahia<sup>3</sup> em tempos de seca, tempos de ausência de políticas públicas para a seguridade social. Sempre acreditei que havia muito exagero, mas hoje, após o contato com outras pessoas herdeiras desse tempo, suas histórias e referências sobre essa seca peculiar,

---

<sup>3</sup> Minha mãe cresceu na cidade de Barra do Mendes-Ba, distante 540Km da capital Salvador. Ao casar-se, seguiu para a Grande São Paulo. Em 1975, eu vim ao mundo na cidade de São Caetano do Sul-SP, mas somente em 1983, com o retorno de minha família para a cidade de Seabra-BA, pude conhecer e reconhecer-me no sertão.



compreendi, nos ecos da memória, as dificuldades que os constituíram: seca e sobrevivência marcam os filhos e filhas do sertão e sua relação com o mundo.

É sobre este constituir-se, sobre este tornar-se na vida, que traço o movimento de aproximação às minhas memórias, utopias e o ser professor, minha profissão. Sobre isso, o poema de Álvaro de Campos - um dos pseudônimos de Fernando Pessoa - há muito me inspira e marca essa percepção sobre experiências, expectativas e possibilidades de formação: “Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo” (2005, p.23). Ao articular essas referências e memórias no meu processo de apreensão, compreendo-me, “na condição de ser de possibilidades [...], imerso nesse mundo, interpretando-o, desvelando-o” (Sá, 2010, p.45).

Nas ideias de passado, presente e futuro que saltam dessas memórias, há uma persistente ideia de progresso: o passado como campo de experiências e aprendizados que se deseja reproduzir, o presente sendo o espaço-tempo de realizações e o futuro a projeção deste agora, determinado, campo de esperanças e construção ideal do mundo. Há um imaginário sobre o que virá, sempre melhor, mais abundante e feliz ante o progresso da humanidade. Dos contos de minha mãe, fabulosos ou não, às minhas memórias reais-ficcionais, há, na superfície, uma ideia de escola em que se estuda para ser alguém, idealizado, que difere do que se é. Alimentamos ilusões de progresso indefinido? Idealizamos o mundo em muitos mundos ideais, utópicos? O que será? Fico a pensar...

## 2 SABERES, EXPERIÊNCIA E ENCONTROS NA PROFISSÃO

Ao buscar esse encontro com a profissão, entre intenções, acontecimentos e (des)encontros, por vezes, muitas vezes, as dificuldades que surgem atravessam e trincam os sonhos e esperanças; barram desejos no muro quase intransponível da realidade, quando perdemos a infância e descobrimos que desse avassalador futuro, incerto, imprevisível, incontrolável, a única certeza é a sua chegada.

Assim, navegando entre algumas lembranças sobre os tempos de escola, nesta articulação entre o vivido e o narrado (Delory-Momberger, 2014) destaco, com especial gosto, os anos de minha adolescência, intensa, no Centro Educacional de Seabra<sup>4</sup>, única escola pública da cidade para o Ensino Ginásial – atual Ensino Fundamental Anos Finais. Foi um tempo marcado por desfiles cívicos em comemoração à independência do país,

---

<sup>4</sup> Seabra fica localizada a 450 km de Salvador- Ba, na Chapada Diamantina, na microrregião Centro Sul Baiano, tendo como limites os municípios de Barra do Mendes, Boninal, Brotas de Macaúbas, Ibitiara, Iraquara, Palmeiras e Souto Soares.



aulas de socialização<sup>5</sup>, liderança de classe, criação e atuação no Jornal da Ala Defensora do Estudantes-ADE, presidência no Grêmio Estudantil, Gincanas, Desfiles de Miss e Mister Estudantil, namoros nos muros da escola; também testes, provas, uma única e contraditória reprovação em Matemática, advertências, brigas, entre outras histórias.

Lembro-me das aulas de Matemática na quinta-série, hoje sexto ano, quando em véspera da temida prova, sempre era convidado para ir à casa de algum colega para ajudar nos estudos e brincar de professor. Como poderia imaginar que já estaria vivenciando o que seria minha profissão nos anos vindouros: professor de Matemática no Ensino Fundamental e Médio em escolas nas cidades de Seabra e Irecê-BA<sup>6</sup>.

Muitas histórias...

Nas aulas de Língua Portuguesa havia uma professora que sempre insistia para memorizarmos os poemas sem direito algum de escolha, com destaque para: “E agora José?” de Carlos Drummond de Andrade e “Navio Negreiro” de Castro Alves. Não entendia o sentido de repetir o “e agora José” em tantos versos, tampouco gostava da música- versão do poema, que ela insistia em nos fazer ouvir em muitas aulas. Quanto ao “Navio Negreiro”, gostava de me exhibir, mais que declamar, recitando os versos (quase infundáveis) – prazer comparado ao de saber cantar por inteiro a música Faroeste Caboclo<sup>7</sup>. Entre gostos e desgostos, eu, um homem negro, não percebia as relações tramadas nos versos sobre as causas da escravização, das lutas contra o racismo e a origem das desigualdades sociais. O caboclo, o João de Santo Cristo, descendente do navio negreiro, marginalizado, veio do sertão. Como tudo faz sentido agora!

Nas aulas de Ciência eu amava as experiências, as poucas que aconteciam. Sempre imaginava infundáveis descobertas e a possibilidade de tornar o mundo melhor, através da ciência, tornou-se minha utopia. Sonhei em ser cientista, daqueles bem ficcionais, que usam jaleco branco e sempre salvam o mundo nos momentos de crise. Percebo como sonhos me moveram por desejos de realidade, permeados por utopia ideais.

Naquele tempo, era dado à escrita de cartas. Cartas conectam, aproximam, tocam, tecem e descrevem histórias; por cartas há um diálogo comedido pelo tempo de degustar o lido, o percebido (Paulo; Dickmann, 2020), e provocar uma resposta, uma aproximação, uma continuidade própria desse movimento de apropriar-se. Havia o ritual de escrevê-las,

---

<sup>5</sup> Foi um componente curricular destinado ao desenvolvimento e apresentação de atividades culturais e artísticas, mas que se restringiam a apresentações limitadas à mera representação e/ou reprodução.

<sup>6</sup> Localizada a 478 km da capital Salvador, na Chapada Diamantina Setentrional, tendo como limites os municípios de João Dourado, Lapão, Presidente Dutra e São Gabriel.

<sup>7</sup> Música da Banda Legião Urbana que faz referência aos filmes de faroeste americano. A música narra a saga de João de Santo Cristo, um caboclo vindo do sertão que enfrentou de muitas formas a desigualdade social, da vida no trabalho diário a sua carreira no crime e morte prematura.



depositá-las em um envelope devidamente endereçado, ir até o correio, colar os selos lambuzando os dedos de cola e aguardar com votos de sorte para que chegassem ao seu destino. E ainda a expectativa da resposta, da carta que retornaria com notícias do mundo de lá. Enviei, na minha pré-adolescência, muitas cartas para os meus quatro irmãos paternos que continuaram a vida na grande São Paulo.

Na minha vida escolar, em meio aos estudos, havia descoberto, já na sexta série, que a Universidade de São Paulo (USP), à época, era a mais bem avaliada do país. Depositei meus sonhos de futuro naquela universidade, como única opção de alcançar o meu mundo ideal: planejei voltar para aquele estado, estudar na USP, ser cientista e, quiçá, tornar o mundo melhor: doce utopia.

Tomado por esperanças, solicitei, por carta, apoio do mais jovem e amigo dos irmãos - casado e pai de dois filhos. Desejei ser acolhido como irmão-filho, nos idos dos meus 11-12 anos de idade, para seguir o percurso inculcado por minha mãe: estudar para ser alguém ou, por outra interpretação, estudar para ter uma profissão, para realizar um sonho de prosperidade. Meses depois, recebo uma carta-reposta, da qual ainda lembro a rispidez das palavras que negaram o pedido; um acontecimento, um súbito de desesperança e ausência no arcabouço da minha percepção e inserção no mundo (Žižek, 2017). Magoado, construí um silêncio entre nós ao recolher os cacos de um sonho desfeito. Hoje posso imaginar as possíveis motivações do meu irmão, bem como dos demais. A maturidade traz este olhar voltado para muitas outras perspectivas. Viver é um constante aprendizado.

Da frustração e desesperança que tomaram o meu pensar sobre o futuro, segui aceitando a queda, a condição que me cabia para aquele momento: estudar na escola pública em Seabra-Ba até concluir o 2º Grau Técnico Profissionalizante, hoje Ensino Médio; procurar um emprego e seguir como tantos jovens que, como eu, não vislumbravam nada além desta dada e determinada condição de poucas oportunidades. Retorno ao poema: “E agora José? O sonho acabou?”.

Acredito que a sabedoria ancestral do ancião Tuahir, personagem da obra “Terra Sonâmbula” de Mia Couto, possa inspirar-me uma compreensão possível: “\_O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes no futuro”. (Couto, 2007, p. 08).

Assumindo o sonhar e a esperança como movimento, vou compondo memórias em direção ao ano de 1988. Naquela época, quando concluí o então Ensino Ginásial, descobri que a opção disponível era a matrícula no Curso Técnico em Magistério no Centro Educacional de Seabra. Desejava o Curso Técnico em Contabilidade, mas o magistério tornou-se a única opção para todos os jovens da cidade.



Naquele mesmo ano, acontecia a promulgação da Constituição Federal, a “Constituição Cidadã”, em 1988. Nos anos de redemocratização do país, esperanças e projetos de futuro pairavam no espírito do tempo, junto à efervescência política, volta dos partidos, fortalecimento dos movimentos sociais, ampla criação de cargos públicos com acesso exclusivo por concurso definidos em lei, entre outras conquistas.

Como testemunha ingênua daquele tempo, somente hoje percebo que os acontecimentos que tramaram para a matrícula em um curso de Magistério, desfez expectativas de futuro e me impulsionaram para outras possibilidades de ser: o meu constituir-se professor em contingências (Pereira, 2016). Assim, da matrícula à conclusão no Curso de Magistério em 1992, dos movimentos de negação à aceitação da profissão, muitas experiências e memórias tramaram o que estou sendo.

Enfim, habilitado para o magistério, transitei por escolas privadas e públicas como professor de Matemática e Ciências, experienciando o estar na escola e a produção de saberes sobre ser na profissão. A minha formação técnica no Magistério como um aparente expoente da ausência de opção, desvelou-se como novo horizonte de expectativas que atualizavam a experiência de ser e o trabalho docente (Tardif; Lessard, 2005).

Nesta produção de mim, vivenciei na escola as mudanças estruturais e curriculares propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB, Lei nº 9394/96 (Brasil, 1996); das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica lançada em 1998 (Brasil, 2013); ao processo de formação de professores orientado pelas Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores (Brasil, 2002) e implementada por Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação (Brasil, 1997). No movimento desse tempo, em 1998, cursava a Licenciatura em Pedagogia e, por ter concluído o curso Técnico em Magistério, vivenciava uma docência entre a negação e aceitação da profissão. Como estudante-professor segui os percursos e desafios da profissão, nos processos de formação na Rede Municipal de Irecê-Ba, Cooperativa Educacional da Microrregião de Irecê (COPERIL) e na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XVI, como estudante de Pedagogia e professor na Educação Básica.

Ao relembrar os momentos formativos que vivenciei na escola, sobre o tornar-se professor atravessado por acontecimentos geo-históricos, manifesto o espírito hegemônico de uma época sobre esse ser na profissão: o pensamento teleológico ancorado na construção de expectativas à espera de um mundo melhor e a escola ideal, próprio de uma ideia convencional de utopia, demarca um tempo em que exasperei a crítica à escola tradicional a ser superada pela “escola que queremos” (Carvalho, 2016; 2020).



Recordo meus encontros na Educação Básica, rememoro esperanças, desesperanças e os movimentos de transformação por outros de pura conservação, entre dilemas sobre avaliação, prática pedagógica, metodologias, ensino e saberes para a vida implicadas na/para a aprendizagem de todos, para a inclusão e o acesso, por outras que se assume um estar na escola ainda prospectivo, propedêutico e seletivo. A formação não se reduz à transposição de saberes, reafirmo, posto que necessita de deliberação e autonomia, de uma ação sobre e com o outro. Talvez romper o silêncio da profissão, na formação, devolvendo a profissão aos professores (Nóvoa, 2009; 2017) seja um dos percursos possíveis para apartar tentativas de controle por desejos de futuro. Para tanto, faz-se necessário reorientar a formação de professores e a escola. Por onde começar?

A LDB de 1996, no artigo 62, definiu a formação docente inicial em nível superior para atuar na Educação Básica. Desde então, da posterior revisão e/ou implantação dos Planos de Carreira adequados à lei, em estados e municípios, e da política de valorização da profissão, muitos professores, assim como eu, buscaram formação superior nos bancos de universidades públicas ou privadas, presenciais ou na modalidade à distância. Não pretendo adentrar no debate sobre as diferenças e as condições de acesso à formação superior, embora julgue necessário. Detenho-me, nesta produção, a pensar sobre minhas memórias, não sendo a mera representação de um “eu mesmo” empoderado, ou um agora em que “a história funciona como justificativa de consolidação do estado presente de ser” (Pereira, 2016, p.180); manifesto opções frente aos desvelamentos que compuseram experiências e escolhas.

As mudanças na LDB, à época, implicaram na reformulação posterior dos novos cursos de licenciatura, após sua promulgação, onde tramitou no Conselho Nacional de Educação as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Licenciatura em Pedagogia, com a proposta de formação de um Pedagogo mais generalista, extinguindo as diversas habilitações (Brasil, 2006).

Em 2001, estava prestes a concluir a Licenciatura em Pedagogia com Habilitação nas Matérias Pedagógicas do 2º grau, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XVI, em Irecê-Ba. Nesse contexto, eu e os demais estudantes de Pedagogia em algumas universidades do país, à época, estávamos prestes a concluir um curso cujo formato de habilitação deixou de existir. Para atenuar o problema, foi elaborado um arranjo incomum para adequar nossa formação às mudanças já estabelecidas: a coordenação e o colegiado do curso propuseram que o Estágio Supervisionado IV (último estágio) exigisse dos então estudantes um Projeto de Formação de Professores que seria desenvolvido a



partir dos aportes pedagógicos produzidos no curso: uma alternativa possível, ainda que simplista, para ampliar aquela formação.

Desde a inesperada proposição no curso de Pedagogia às experiências na execução do Projeto de Formação no Estágio, descobri satisfação na atuação como formador de professores. Acreditei possível formar e estreitar distâncias entre a Educação Básica e a Universidade como espaço de construção de saberes, mas ainda reduzido a um persistente idealismo pueril, que esmaecia, contraditoriamente, a autonomia da escola. Ledo engano!

Acreditei que formar consistiria apenas numa ação sobre o outro, implicada em fortes fundamentos para a transferência de saberes e produção de uma identidade docente ideal. Acreditava numa escola redentora da sociedade, capaz de produzir um mundo melhor: “[...]tempos, ainda, de utopia. Da crença – pessoal e grupal, mas compreendida, naquele momento, como universal – de que o tempo poderia ser outro e o professor poderia e deveria mostrar o caminho” (Carvalho, 2016, p. 50).

E foi chegado o tempo, em 2002, de encerrar o percurso na Licenciatura em Pedagogia para trilhar novos desafios. O encerramento de uma etapa repleta de aprendizagens sobre os saberes, ao menos em teoria, necessários para o exercício da docência. Impossível não se tornar outro, um dos muitos outros “eus” no percurso de tornar-se o que se é.

### 3 AO CONSTITUIR-SE PROFESSOR: A PROFESSORALIDADE

Entre muitas motivações nem sempre tão idealistas, ou ingênuas, busquei espaços de formação que pudessem ampliar meus saberes sobre a educação, ensino, aprendizagem, práticas na escola e, posteriormente, na docência no Ensino Superior.

Trilhei caminhos que me conduziram à formação continuada e em serviço<sup>8</sup> de professores em Jornadas Pedagógicas, cursos e oficinas na Educação Básica, em diversas cidades na microrregião de Irecê. Ainda com participação na construção de projetos pedagógicos, diretrizes curriculares municipais e planos de educação, em experiências formativas que se estruturaram no interior das demandas de muitos sujeitos, realidades e instituições de educação. Ao idealizar a educação, atribuí ao professor e à escola a responsabilidade por toda sociedade em crise; produzindo “uma escola transbordante, uma

---

<sup>8</sup> O artigo 62 da LDB, Lei 9304/96, trata sobre formação inicial em Licenciatura Plena e a formação continuada e em serviço.



escola utópica que procura compensar as ‘deficiências da sociedade’ chamando a si todas as missões possíveis e imagináveis” (Nóvoa, 2009, p.60).

Faltava-me a ruptura com modelos que estavam cravados nas minhas ideias sobre formação e sobre o ser professor; abandonando idealismos, minhas crenças edificantes, meus projetos e projeções que pretendiam formar o outro à luz de minha visão de escola e de mundo.

Essa ideia de rompimento tocou-me desde os estudos no grupo de Pesquisa Formação de Professores em Exercício (FEP), nos estudos do mestrado e doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), nas muitas atividades que mediavam ações e percursos formativos entre a universidade e as redes de ensino. E assim, fui ao encontro do pensamento caleidoscópico, onde as “configurações são imprevisíveis e incontroláveis: elas só acontecem no a-com-tecer. (...). Abandonar o controle é o exercício. Inquietamo-nos para edificar sobre ruínas”. (Carvalho; Moreira, 2018, p. 60-61).

Hoje, me reconheço mais neste terreno movediço, desassentado, sujeito a tropeços, quedas e a toda angústia da plena incerteza. Para tanto, fui abandonando meus instrumentos de controle, ao *ser-sendo* em meio a subjetividades que colidem e tramam existências, performando uma profissionalidade atravessada por toda incerteza que trinca e atravessa qualquer previsão: trata-se do constituir-se em outra dimensão, a da professoralidade (Pereira, 2016).

Assim, o que será professoralidade?

(...) é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão. Por isso, a professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito. E, como diferença, não pode ser um estado estável a que chegaria o sujeito. A professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente. (Pereira, 2016, p.35).

Assim, a dimensão da professoralidade entrelaçada às dimensões da experiência e da subjetividade, implica em compreender o professor como pessoa, que vive e experimenta o mundo, compõe uma história de vida e tece identidade(s) em/por outra compreensão sobre formação (Sá, 2011). Portanto, provoca-me a pensar a formação atravessada por identidades fluídas, aberta às subjetivas imanentes, aos professores na vida-formação e no espaço de acontecimentos que é a escola, onde se atualiza o formar e formar-se, ao compreender e compreender-se na escuta de si e do outro.

Para além dos certificados e da formação em Pedagogia que “habilita” a profissionalidade, proponho um constituir e constituir-se na narração e aprendizagem de si



e do outro, que requer uma ficção descritiva e memorialística que se nutre da realidade: um imaginar ser e tornar-se; sendo essa “narração ficcional que permitirá, se a pessoa for capaz de correr tal risco, a invenção de um si autêntico” (Josso, 2004, p. 434), atravessado por acontecimentos e permeado por percepções e sentidos ao constituir-se professor.

### 3.1 Outros territórios ideais: utopias em movimento

Em 2015, adentrei na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus Arapiraca, após a aprovação e posse para o cargo de Professor Auxiliar: um sonho realizado. Assumindo a utopia como herdeira da viagem (Freitas Neto, 2017), disposta em territórios ideais por descobrir, parti de Irecê - Sertão da Bahia, para Arapiraca, no Agreste Alagoano, ao encontro do meu território ideal imaginado: ser professor na universidade.

Lembro-me que, somente no dia 10 de abril, tive acesso à minha primeira turma na UFAL- Campus Arapiraca. Era o terceiro semestre da turma de Pedagogia 2013.2, onde deveria lecionar duas disciplinas: Currículo Escolar e Avaliação da Aprendizagem. Era o dia do meu aniversário e o primeiro encontro com aqueles estudantes. Elaborei um plano de aula cuidadoso que julguei adequado para o contato inicial, mas acontecimentos surgem, desmancham, movimentam e atualizam o pensado. Aconteceu que, à véspera da aula, uma professora da disciplina Saberes e Metodologia da Educação Infantil solicitou minhas aulas para aquele dia e, na continuidade, disse que gostaria que eu conduzisse a turma 2013.2 até a capital do estado, Maceió- AL, para que participassem de um Seminário de sua área. Foi um dia de encontros inusitados, atípico e mais significativo do que qualquer aula convencional que eu pudesse imaginar para aquele momento: da aula à viagem, tudo foi acontecimento.

Desde então, atuei nos muitos semestres, tanto na Pedagogia como nas demais Licenciaturas do *Campus* a saber: Matemática, Letras, Educação Física; Química, Física e Biologia, conforme a oferta de disciplinas organizadas pelo coordenador e Colegiado do Curso. Nesse tempo, ao iniciar cada semestre, proponho uma pergunta que julgo primordial para entender os caminhos do tornar-se professor-professora dos estudantes das licenciaturas: Por que ser professor (a)?

Muitas vezes, a mesma cena se repetia, ano a ano, redecorada por diferentes olhares, risos, silêncios e algumas provocações. Retornavam respostas que remetiam desde desejos surgidos numa infância quase esquecida, à negação da profissão pelos mais variados argumentos: a redução de investimentos públicos em educação; a auto



intensificação e precarização do trabalho docente como processo de desprofissionalização (Nóvoa, 2017), problemas estruturais, administrativos e pedagógicos na escola que atuam, muitas vezes, como agentes deformadores da profissão (Arroyo, 2011). Assim, necessário se faz interpretar a profissão dentro da profissão, visto que compreendemos as coisas na medida em que nos movemos entre elas, produzindo outras significações (Merleau-Ponty, 2011).

Em busca dessas significações para produzir aproximações intencionais junto àqueles estudantes e alimentar um estudo sobre o constituir-se professor(a), movido pela curiosidade sobre formação de professores e práticas de gestão da educação que compõem os campos de experiências no Agreste Alagoano, dediquei-me ao curso de Pedagogia, com destaque especial à turma 2013.2, com a ideia de produzir memoriais que pudessem manifestar professoralidades em formação. E foi assim que, em vários semestres, orientei a produção do memorial formativo para tramar e adentrar nesses relatos de vida e formação a partir das experiências nos/dos estudos em tempos de Educação Básica e na licenciatura em curso. Portanto, no ato de (auto)biografar-se, de trazer a experiência de si para a produção de sentidos, possíveis, para as vivências, assume-se que:

Os modos de escrever a vida revestem-se de vinculações estabelecidas cotidianamente com as itinerâncias dos sujeitos em suas relações sociais e institucionais. Articuladas aos processos históricos e socioculturais, as narrativas profissionais e pessoais revelam os modos como ocupamos os espaços e como nos relacionamos com o trabalho e com as produções concernentes à arte ou ao ofício de educar. (Souza, 2011, p. 215-216)

Por essa intenção, inspirado nos estudos memorialísticos e (auto)biográficos para a compreensão de saberes construídos e ressignificados na experiência, narrando a vida e pensando a profissão (Larrosa 2016; Souza, 2011), eu e os estudantes de Pedagogia, durante muitos semestres, intentamos produzir escritas mediadas pelos estudos sobre Currículo, Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e, como cada um, semestre a semestre, ia compreendendo o seu constituir-se professor(a).

Lembro-me das histórias narradas, dos momentos de conversas sobre a escrita inseparáveis das tensões da vida em que, eles/elas, teciam textos e reflexões na intensidade de suas experiências que a-com-teciam<sup>9</sup> (Carvalho, 2008). As sessões de orientação para a produção do memorial, em cada semestre que, intencionalmente, voltava

---

<sup>9</sup> Faz referência à *Pedagogia do A-com-tecer*: “Na pedagogia do A-com-tecer, abandona-se, ao se abraçar o conceito de emergência (Johnson, 2003), a ideia de aplicação/execução de algo pré-pensado e passa-se a trabalhar com o conceito de imanência, entendida como central nos processos contemporâneos” (Carvalho, 2008, p.163).



à turma 2013.2, tornaram-se audiências que transgrediram os limites da produção para uma aproximação ímpar às suas histórias e memórias, sonhos e preocupações: ante à impossível neutralidade, estreitamos laços. Assim, assumi o risco, ao considerar que “[...] apostar lidando com educação, lidando com vidas, é perigoso...Mas existe algo mais perigoso que viver?” (Carvalho, 2020, p. 169). Este foi o movimento!

Foi no último semestre, em 2017, que a turma de 2013.2 chegava ao 9º período<sup>10</sup>, etapa final da formação na Licenciatura em Pedagogia. Neste tempo, solicitei lecionar a disciplina Projetos Integradores 4 para propor a finalização da jornada de autodescoberta na profissão, encerrando a escrita dos Memoriais de Formação.

Por fim, ao concluir a proposta, surgiu uma interrogação sobre como estes estudantes-concluintes, ao se tornarem egressos de Pedagogia, estariam constituindo-se professores-professoras no exercício da profissão. A potência dessa interrogação me conduziu a outros movimentos para pensar a formação.

## 4 CONSIDERAÇÕES

No percurso do objetivo de narrar e narrar-me, por meio de memórias de vida e formação que compõe saberes na/da experiência para um constituir-se professor, possível, acessei experiências tramadas por muitas histórias, fabulações e memórias pavimentadas por sonhos, esperanças, desesperanças. Foram acontecimentos entre um “eu” que deseja tornar-se parte e, ao fazê-lo, aproxima-se das emanações sobre o *ser-estar* em escolas alagoanas, junto a muitos outros “eus” que se abriram em diálogo ao desvelar-partilhar suas existências singulares. Ao manifestar a delicadeza de sermos tal qual resultamos de tudo e muito mais do que isso, nos singularizamos na diferença, nessa desigualdade que nos iguala, que nos é comum (Brum, 2014).

Revisitando os memoriais sempre esbarro em descobertas, em acontecimentos que saltam das páginas em (des)acontecimentos, tecendo compreensões tramadas no/com o outro da formação. Imerso nessa experiência de *ser-estar*, *ser-no-mundo* (Heidegger, 2009), compreendendo o que se manifesta ao estar imerso no mundo em movimento, desejei continuar entre eles/elas e saber como esses egressos da licenciatura em Pedagogia 2013.1 estão percebendo a docência ao assumir-se [ou não] na profissão.

---

<sup>10</sup> Na Universidade Federal de Alagoas as licenciaturas que são ofertadas durante a noite, em virtude do horário de início e término das aulas, necessitam de um semestre a mais- o 9º período, para cumprir a carga horária do curso.



Assim nasceu esta produção, inspirada em um dos capítulos da tese: “Utopias, pós utopia e o constituir-se professor”, defendida na Universidade Federal da Bahia, que, entre outros objetivos, assumiu o conceito de professoralidade e elegeu transitar entre sonhos, esperanças e desesperanças, em meio a utopias que compõe o reconhecer-se ou não na profissão (Santos Junior, 2022).

Ao pensar a formação, o constituir e constituir-se professor(a), entre acontecimentos que nos abalam e, por vezes, nos paralisam, tramou-se uma ideia de utopia e formação possível no futuro, mas atravessada pela incerteza do conteúdo desse porvir. Portanto, “o que importa é que ela [a utopia] exige do presente: defrontar-se com o que parece impossível. O conhecido presente é tocado pelo estranho futuro no desconhecido tempo do agora.” (Duarte, 2016, p.69).

Assim percebo o presente, nas imprevisíveis e incontroláveis configurações emergentes no tecer da vida e a formação. Assumo que as muitas alternativas estão permeadas por sentidos provisórios e significantes vazios, sempre abertos a estar prenhes de compreensões que nos atravessam, e trincam sentidos, mas também reverberam sempre novas e incontroláveis outras compreensões e ficções de mundo e de nós mesmos; outras ficções de mim! Portanto, nesta elaboração, “(...) para nós o possível se tornou mais necessário que o real, porque o real, embora nos mantivesse seguros e assegurados, havia começado a nos asfixiar. (Larrosa, 2017, p. 206).

A fuga da asfixia, nesta escritura, trama promiscuamente narrativas entre histórias, invenções e atualizações, aceitando os flertes com a literatura, filosofia, memórias e a escrita de si. Dos sentidos e ideias de utopias, assumi que “sonhar não é esperar por um futuro que virá, mas é viver [...]. E o próprio viver, incluindo o viver estar sonhando, vai criando possibilidades; e esse viver, prenhe de novas possibilidades, gera novas atualizações” (Carvalho, 2020, p. 188).

No percurso das inquietações que interrogam sobre constituir-se professor(a), reconheço que, na origem, sempre fui eu, indo ao encontro da pergunta: por que ser professor?! E segui em direção às referências que poderiam trazer sentidos, que me fizessem compreender a professoralidade tensionada por acontecimentos que reverberam nesta interpretação sobre *ser*. Esse “eu mesmo” questionando a experiência de *ser*, aceitando os riscos de qualquer utopia, posto que o sonho de um mundo melhor não afasta o seu contrário e movimenta diferentes formas de constituir-se na profissão.

Assim me reconheço.



## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**: imagens e auto-imagens. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. MEC 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**. MEC 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em 15 de agosto 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Brasília, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). Acesso em 15 de agosto de 2022.

BRUM, Eliane. **Meus Desacontecimentos**. São Paulo: LeYa, 2014.

CARVALHO, Maria Inez. **A Escola Fraca da Segunda Ruptura Curricular**: um relato sobre um a-com-tecer pós-doutoral. 273 fls. Relatório (pós-doutorado em educação). Minho, Portugal: Universidade do Minho, 2016.

CARVALHO, Maria Inez. O A-com-tecer de uma Formação. Salvador: 2008. p. 159-168. In: **Revista da FAEEDBA**: Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação I. Memórias, Histórias de vida e formação de professores, v. 17, número 29, 255 p., jan/jun, 2008.

CARVALHO, Maria Inez. **Uma volta para o futuro**: em busca do tempo-espaço perdido nas lembranças. Ilhéus, BA: Editus, 2020.

CARVALHO, Maria Inez; MOREIRA, Ana Paula. O a-com-tecer do FEP em drops. In: PIMENTEL JUNIOR, Clívio; SALES, Marcea; JESUS, Rosane M. V. de (org.). **Currículo e Formação de Professores**: redes acadêmicas em (des)articulação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

COUTO, Mía. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

DELORY-MOMBERGER, C. **Histórias de vida**: Da invenção de si ao projeto de formação. Natal, Porto Alegre, Salvador: EDUFRN, ediPUCRS, EDUNEB, 2014.

DUARTE, Pedro. A utopia do pensamento. In: NOVAES, Adalberto. **Mutações**: o novo espírito utópico. São Paulo: Edições Sesc, 2016.



FABRE, Michel. Fazer da sua Vida uma Obra. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.27, nº 01, p.347-368, abr. 2011.

FREITAS NETO, José Alves. Sobre Utopias e Desencantos: a potência da imaginação na construção histórica. **Jornal da Unicamp** [on-line]. Campinas: UNICAMP, 16 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/sobre-utopias-e-desencantos-potencia-da-imaginacao-na>. Acesso em 28 de setembro de 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcanti Schuback; posfácio de Emanuel Carneiro Leão. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes e João Vanderley Geraldí. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. 4ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NÓVOA, Antônio. **Firmar a posição como Professor afirmar a condição da Docência**. Cadernos de Pesquisa v.47 n.166 p.1106-1133 out. /dez. 2017.

NÓVOA, A. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PAULO, Fernando S.; DICKMANN, Ivo. **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020.

PEREIRA, Marcos Vilela. **Estética da Professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016.

PESSOA, F. **Poesia Completa de Álvaro de Campos**. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

SÁ, Maria Roseli G. B. de. Currículo e formação: atualizações e experiências na construção de experiências singulares. In: SÁ, Maria Roseli G. B. de; FARTES, Vera Lúcia Bueno (org). **Currículo Formação e saberes Profissionais**: a (re)valorização epistemológica da experiência. Salvador: EDUFBA, 2010.

SÁ, Maria Roseli G. B. de. Que experiências nos fazem professores? Desafios à docência universitária no acompanhamento de percursos formativos de professores em exercício.



In: RIBEIRO, M. L.; MARTINS, E. de S.; CRUZ, A. R. S. da. **Docência no Ensino Superior**: desafios da prática educativa. Salvador: EDUFBA, 2011. Cap. IX, p. 187 – 199.

SANTOS JUNIOR, Julio Bispo dos. **Utopias, pós-utopia e o constituir-se professor**. 2022. 229 fls. Tese (doutorado em educação). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36950> . Acesso em 06 de setembro de 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f5jk5/04> . Acesso em 23 de nov. de 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino. Territórios da escrita do eu: pensar a profissão - narrar a vida. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 34, nº 02, p. 213-220, 2011. Disponível em : <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8707>. Acesso em: 25 de out. de 2024.

TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio Janeiro: Vozes, 2005

ŽIŽEK, Slavoj. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

